



EDITORIAL

A Revista Brasileira de Psicoterapia em um mundo em transformação

Marina Gastaud^a
Claudio Eizirik^b
Camila Piva da Costa^c
Daniela Valle Krieger^d
Diogo Machado^e
Mariana Torres^f
Pricilla Braga Laskoski^g
Stefania Pigatto Teche^h
Rafael Stella Wellausenⁱ

^a Psicóloga, doutora em Ciências Médicas: Psiquiatria, editora da Revista Brasileira de Psicoterapia.

^b Psiquiatra e psicanalista, doutor em Ciências Médicas: Psiquiatria, diretor de publicações do CELG.

^c Psicóloga, mestre em Ciências Médicas: Psiquiatria, editora júnior da Revista Brasileira de Psicoterapia.

^d Psicóloga, mestre em Ciências Médicas: Psiquiatria, editora júnior da Revista Brasileira de Psicoterapia.

^e Psiquiatra, editor júnior da Revista Brasileira de Psicoterapia.

^f Psiquiatra, editora júnior da Revista Brasileira de Psicoterapia.

^g Psicóloga, mestre em Filosofia, editora júnior da Revista Brasileira de Psicoterapia.

^h Psiquiatra, mestre em Ciências Médicas: Psiquiatria, editora júnior da Revista Brasileira de Psicoterapia.

ⁱ Psicólogo, mestre em Psicologia, editor júnior da Revista Brasileira de Psicoterapia.

Desde a criação da Revista Brasileira de Psicoterapia, em 1999, as realidades acadêmica, científica e clínica mudaram muito. Da evolução do modelo de bases teóricas ao rigor metodológico exigido para a produção de conhecimento atual, os psicoterapeutas defrontaram-se com uma trajetória de incertezas quanto ao presente e ao futuro das suas práticas, com questionamentos ideológicos acerca da melhor forma de consolidação do conhecimento e com outras tantas adaptações no cenário das publicações. As revistas científicas passaram a buscar a ampliação das indexações - medida útil para que produções intelectuais de qualidade atinjam cada vez mais leitores e para que todos os interessados possam ter fácil acesso a elas. A quantidade de revistas e jornais científicos cresceu vertiginosamente, o que possibilitou que basicamente qualquer material encontre um meio de veiculação. Para assegurar aos leitores algum grau de veracidade ou confiabilidade das informações disponíveis, foram criadas ferramentas para medir a qualidade dos periódicos - qualis, fatores de impacto, etc. Diante deste cenário de transformações, a Revista Brasileira de Psicoterapia também precisou e ainda precisa se adaptar, mas não sem antes questionar-se: como fazer essa transformação sem deformar sua essência? Os moldes atuais das publicações beneficiam os psicoterapeutas? Deveria a Revista ceder a determinadas exigências das plataformas de indexação que poderiam pôr em risco sua utilidade clínica? Não temos respostas definitivas; por isso, a partir dessas perguntas, gostaríamos de tecer alguns comentários.

Tradicionalmente, a Revista Brasileira de Psicoterapia tem tido o papel de levar a público as contribuições dos autores da nossa região, produzindo referências pertinentes para nossa comunidade para profissionais que aqui exercem suas atividades clínicas e suas investigações. Assim, a Revista tem veiculado as ideias de grandes psicoterapeutas - contando com trabalhos de profissionais renomados do sul do Brasil, mas também com os de autores respeitáveis de diversas partes do mundo. A missão da nossa gestão centra-se justamente na busca de maior exogenia da revista, pela apresentação de contribuições de profissionais de diversas abordagens que contemplem a realidade das psicoterapias nos diferentes lugares do Brasil e do exterior. Não ceder à endogenia é uma tarefa árdua, principalmente quando contamos com autores locais com tantas contribuições. Por isso, nossa Revista também seguirá valorizando as submissões locais, de alunos e professores do CELG, da UFRGS e de instituições gaúchas. Acreditamos que há uma dimensão cultural importante na prática da psicoterapia que torna vital a publicação de dados coletados e pensados em nosso meio. Paralelamente, estamos seguindo o trabalho de abertura da Revista iniciado na gestão anterior com vistas a torná-la uma ferramenta importante de consulta para psicoterapeutas radicados nas mais diferentes zonas geográficas. Para que mais autores possam contribuir com seu pensamento e para que a Revista seja representativa da psicoterapia exercida também em outros países, aceitamos submissões em português, inglês e espanhol. Com a finalidade de que mais leitores se beneficiem dos materiais, a revista passou a ser bilíngue e é indexada nas plataformas Lilacs, Index Psi (Conselho Federal de Psicologia) e Sumários.org. Estamos no momento trabalhando para a obtenção de cadastro junto à SciELO, o que ampliará a visibilidade dos artigos publicados. Batalhamos, ainda, para aumentar a avaliação da Revista realizada pela Capes (atualmente B3 na Psicologia e B5 na Medicina).

Esses também foram os objetivos da maior parte das revistas da área da psiquiatria e da psicologia nos últimos anos. Para alcançar essa meta, muitos periódicos centraram suas publicações em experimentos/ estudos empíricos, fechando as portas para ensaios filosóficos, argumentações teóricas, estudos conceituais. Os espaços para estudos de casos foram reduzidos, e as revisões da literatura são cada vez mais restringidas a revisões sistemáticas. Novamente nos perguntamos: deveria ser esse o destino das publicações em psicoterapia? Artigos originais são apenas estudos qualitativos, transversais, longitudinais, ensaios clínicos? Qual espaço encontra para levar suas ideias a público um pensador que tenha algo relevante e original a dizer sobre uma teoria ou sobre sua prática? Nas revistas das ciências humanas e sociais, talvez. Isto posto, não seria desejável que nossa Revista também pudesse receber tais artigos, mais livremente produzidos ou escritos com metodologia distinta, embasada em outros referenciais de ciência? Mas as pesquisas empíricas e as contribuições das ciências da saúde? Não são elas vitais para a psicoterapia?

Apesar do desenvolvimento notório das mais variadas formas de intervenção para as doenças emocionais (desde práticas místicas até tratamentos psiquiátricos e neurológicos de base biológica fundamentados em evidências), as psicoterapias se mantêm como importante ferramenta para o alívio do sofrimento mental no cenário contemporâneo. O advento das psicoterapias baseadas em evidências tem acumulado provas suficientes acerca da sua efetividade para assegurar o seu lugar ao sol no rol de tratamentos indicados para os pacientes que padecem de enfermidades psíquicas, problemas comportamentais e conflitos emocionais.

Acreditamos, sem dúvida, na importância de incrementar a pesquisa em psicoterapia e de torná-la cada vez mais baseada em evidências. Como nos diz Kernberg¹, como psicoterapeutas, temos: 1) obrigação científica de avaliar e desenvolver o conhecimento psicoterápico, 2) responsabilidade social de esclarecer à opinião pública a respeito da eficácia dos tratamentos oferecidos; 3) necessidade de ampliação do limite e da efetividade desses tratamentos; 4) premência de justificar e assegurar os sistemas de pagamento das psicoterapias; 5) obrigação imprescindível de reforçar as relações da psicoterapia com o mundo clínico e acadêmico. A psicoterapia propõe-se a ser um tratamento (não apenas uma experiência humana) e, como tal, deve ser submetida ao rigoroso protocolo de pesquisas da área da saúde. Entretanto, o modelo médico não nos parece ser o único capaz de beneficiar o exercício das psicoterapias. Se o conhecimento veiculado sobre a área ficar restrito à pesquisa empírica, corre-se o risco de reduzir, a fim de operacionalizar as investigações, conceitos complexos. Estudos teóricos, investigações conceituais e publicações de casos clínicos têm auxiliado a prática psicoterápica de forma reconhecidamente contundente para serem abandonados, justamente por seu poder de captar a sutileza, a complexidade e a riqueza das interações humanas. Alguns desenvolvimentos significativos para o processo psicoterapêutico vieram de inspirações teóricas e clínicas e não apenas das investigações quantitativas e qualitativas.

Por isso, reconhecendo o grande potencial que tanto as pesquisas empíricas quanto as argumentações teóricas têm para o esclarecimento e ampliação de questões relativas ao exercício da psicoterapia, nossa Revista seguirá aberta a receber publicações de medicina, psicologia, enfermagem, serviço social, educação

física, filosofia, sociologia, antropologia, artes e de todas as áreas do conhecimento que tenham algo significativo a dizer sobre as diversas facetas do ser humano. Somos uma revista das ciências da saúde, das ciências humanas, das ciências sociais - enfim, somos interdisciplinares. Esperamos que os psicoterapeutas possam beber, através da Revista Brasileira de Psicoterapia, de todas essas fontes de sabedoria. À direção do CELG, agradecemos pelo apoio constante. À Tanise Gonzalez e à Patrícia Azambuja, nosso reconhecimento pelo suporte administrativo. Ao professor Sidnei Schestatsky, idealizador da revista, nossa gratidão pelo diálogo sempre maduro e motivador. Aos nossos autores e revisores, agradecemos pelas valiosas contribuições. Aos nossos leitores, esperamos que esta nova missão esteja a contento e nos colocamos à disposição para diálogo e reformulações. A todos, boa leitura!

Referência

1. Kernberg O. (2008). A necessidade premente de ampliar a pesquisa na e sobre a psicanálise. (The pressing need to increase research in and on psychoanalysis)
Livro Anual de Psicanálise, 22, 25-30. (Annual Book of Psychoanalysis, 22,25-30)

Correspondência

Marina Bento Gastaud
Rua Comendador Caminha 312/205 - Moinhos de Vento
90430-030 Porto Alegre (RS)
marinagastaud@hotmail.com

Submetido e aceito em 13/01/2014